

O posicionamento de Erich Fromm frente à religião

The Erich Fromm's positioning toward to religion

Bruno de Oliveira Silva Portela*
psicoportela@hotmail.com

Resumo

Com o intuito de trazer para o campo da Psicologia da Religião o pensamento do psicólogo humanista Erich Fromm, esse texto almeja compreender como este autor se posiciona em relação a seguinte pergunta: a religião faz bem ou mau para o ser humano? Deste modo, faz-se necessário inicialmente abordarmos a história de vida do autor, elucidando os principais acontecimentos que poderia influenciar em seu posicionamento. Bem como, investigar os possíveis fatores que contribuem diretamente para nossa rota de compreensão, e que se fazem relevantes através das teorias psicológicas elaboradas pelo autor, demonstrando total convergência na busca por uma resposta a nossa pergunta inicial.

Palavras-Chave: Religião; Erich Fromm; Psicologia Humanista;

Abstract

In order to bring to the field of Psychology of Religion thought humanist psychologist Erich Fromm, this text aims to understand how this author places the following question regarding: religion is good or bad for humans? Thus, it is necessary to initially approach the author's life history, elucidating the main events that could influence its positioning. As well as investigate the possible factors that contribute directly to our route to understanding, and that is done through the relevant psychological theories developed by the author, demonstrating full convergence in the search for an answer to our initial question.

Keywords: Religion; Erich Fromm; Humanistic Psychology;

Considerações Iniciais

O campo da Psicologia Religião tem demonstrado cada vez mais a sua relevância enquanto possibilidade investigativa para o entendimento do ser humano,

* Mestre em Ciência da Religião pela UFJF; Especialista em Psicologia Clínica Junguiana pelo Instituto Junguiano do Rio de Janeiro; Graduado em Psicologia pela PUC Minas (Campos Juiz de Fora); Docente do Centro Universitário Fundação São José – Itaperuna RJ.

elucidando muitas vezes características essenciais que compõem a base de nossa estrutura psíquica¹, ou ainda, apontando para a religião como possível sustentadora de comportamentos neuróticos². Seja para o bem ou para o mal³, a religião intriga seus estudiosos pela dificuldade em conceituar, compreender, chegar a uma resposta única sobre esse fenômeno.

Assim, nessa linha investigativa, tomemos como ponto de partida a hipótese de que todo teórico, ao menos na psicologia, utiliza direta ou indiretamente o material de suas próprias experiências de vida na construção de sua teoria, e obviamente de seu posicionamento. Com essa perspectiva, nossas buscas encontram em Erich Fromm uma resposta à pergunta: religião faz bem ou mal para o ser humano?; parte necessariamente dos fatos marcantes na história de vida do autor, que reiteram suas implicações religiosas e as faz convergirem proporcionando um arrojado entrelace entre suas teorias psicológicas e sua compreensão para o fenômeno religioso. Assim, é necessário investigar os principais acontecimentos que marcaram Fromm na construção de suas ideias e conceitos.

Diante de tal proposta, tomemos também como prerrogativa a relação de suas obras, observando a forma relevante como a religião perpassa suas implicações. Dentre as obras mais relevantes, destacamos *O Medo à Liberdade* de 1941, e *Análise do Homem* de 1947, que foram escolhidas por apresentarem conceitos atrelados a uma temática de cunho religioso frente à compreensão da condição humana.

Após esta investigação, partimos para observar a religião propriamente dita, sua importância para a estrutura social e individual, sua forma ambígua tanto de alienação como de libertação do ser humano. Esta investigação será feita de forma comparativa entre as obras *O Dogma de Cristo*, publicado originalmente no alemão em 1930, representando um marco do contato de Fromm com Freud.

A obra mais tardia *Psicanálise e Religião* de 1950 traz ao diálogo o conceito de Religião Humanista, apresentando um posicionamento mais otimista do autor para o fenômeno religioso. Partindo posteriormente para a tão aclamada *A Arte de Amar* de

¹ No caso, temos a Psicologia Analítica com a proposta de Carl Gustav Jung em perceber na religião a manifestação dos arquétipos.

² Algumas considerações de Sigmund Freud partem desse posicionamento, considerando a religião uma ilusão, com a forte característica de manter indivíduos em estados neuróticos.

³ Os termos 'bem e mal' foram colocados apenas como forma figurativa para designar uma dualidade que pode ser encontrada em diversos estudiosos da Psicologia da religião. Não pretendendo com isso, reduzir o posicionamento dos autores citados nas notas anteriores.

1956. Após a apresentação dos principais pontos, temos em mãos uma base para entender a compreensão do autor quanto à pergunta inicial.

1- Aspectos relevantes na vida de Erich Fromm

Filho único de Naphtali Fromm e Rosa Krause, Erich Siligman Pinchas Fromm nasceu no dia 23 de março de 1900 em Frankfurt, na Alemanha. Fromm viveu em um ambiente organizado por uma ortodoxia judaica, onde seguia a risca os preceitos religiosos. A família de Fromm valorizava mais o estudo dos escritos do judaísmo do que de fato, aderir ao modelo do capitalismo que se espalhava no século XX em Frankfurt. “Tanto os parentes maternos quanto os paternos investiam severamente nos estudos talmúdicos do pequeno Fromm para que este seguisse a carreira religiosa na vida adulta.” (Tollomeli, 2005, p. 12).

Como praticantes assíduos, era comum todas às sextas-feiras a celebração de rituais específicos na casa de Fromm. “Seu pai podia ser ouvido pela vizinhança cantando hinos judaicos, fazendo orações e discursos. Não podia haver passos pela casa, pois todos deveriam estar estritamente ocupados com suas devoções” (idem, p. 16). Podemos observar uma das primeiras características que marcam as obras do autor, ou seja, um interesse muito grande no fator social e uma crítica aos modelos burgueses e a economia.

Outro fator que intimamente contribui na elaboração de suas teorias se da pela relação estabelecida com seus pais. Para Fromm, o fato de ter sido criado por pais neuróticos e ansiosos instigou-lhe desde muito cedo a uma busca uma compressão do comportamento humano e as forças que estão por de trás da consciência.

Já na vida acadêmica, nosso autor demonstra um grande potencial intelectual. Com vinte e dois anos já estava defendendo sua tese de doutorado⁴ em filosofia em Heidelberg. Nesta complexa pesquisa, podemos observar uma análise sócio religiosa do judaísmo. A crítica de Fromm era em relação o código de conduta dos judeus,

⁴“Em tal pesquisa, Fromm menciona quão notável é a situação do povo judeu após a diáspora, por continuar a existir com o um grupo coerente, unidos apesar da perda do estado, do território e da linguagem comum secular. Na sua tese Fromm escreveu sobre a função da lei judaica no sentido de um a aplicação m oral do código religioso. Mais tarde, porém, com os “instrumentos” da psicanálise, Fromm retoma a sua tese e acrescenta um a interpretação psicológica dizendo que as manifestações da moralidade são entendidas com o estruturas psicológicas, as quais constituem a dinâmica da força autônoma” (Tollomeli, 2005, p. 19).

afirmando a existência de um fator construtivo, que mantinha o povo judeu unido através da obediência as leis ortodoxas. Fromm também se forma como Sociólogo e Psicanalista. Temos três fatores de principal interesse do autor desde muito cedo, ou seja, social, psicológico e o religioso

Em 1925, Fromm conheceu a psicanalista Frieda Reichman, que foi sua analista durante algum tempo, e com quem mais tarde se casara (16 de junho de 1926). Aqui se inicia contato de Fromm com a psicanálise, revelando como um marco de uma drástica mudança em relação a sua visão para o judaísmo, bem como a uma crítica a religião⁵. Por volta de 1928 ele conclui sua formação em psicanálise na cidade de Berlim.

Em julho de 1931, Erich Fromm estava com tuberculose, e por este motivo teve que morar na Suíça. Esta distancia contribuiu para sua separação com Frieda, e o aproximou da psicanalista Karen Horney (com quem se casaria futuramente), que o convidou para ir a Chicago no ano de 1933⁶, onde ambos os autores desejavam ampliar os estudos do ser humano, focados principalmente na relação social e a influência da cultura na estruturação da personalidade.

A nova abordagem de Fromm não foi bem aceita no meio psicanalítico da escola de Frankfurt, culminando em sua separação da psicanálise ortodoxa. Entretanto, sua abordagem foi muito bem recebida entre os novos contatos que ele tinha estabelecido nos EUA⁷, o que conseqüentemente irá desencadear um importante marco no surgimento da Psicanálise Humanista.

Em 1943, Fromm rompe seu casamento com Karen Horney, meses depois se casa com Henny Gurland (21 julho de 1944), indo morar no México devido ao frágil estado de saúde da esposa, tentando estabelecer lá uma cede de estudos psicanalíticos.

⁵ “Fromm comenta que ao aprofundar seus estudos psicanalíticos aconteceu “a queda do encanto” frente à ortodoxia religiosa. Em 1927, Fromm e Frieda publicaram um artigo sobre os rituais judaicos. Este foi o primeiro artigo de Fromm que incluía a psicanálise. Convencido sobre a Teoria da Libido de Freud, Fromm interpretou o ritual do Sabbath em 1927 num a direção em que restou pouco espaço para o sentimento religioso”. (Tollomeli, 2005, p. 20)

⁶ Em 29 de dezembro de 1933, Fromm já residia em Nova York quando recebeu a notícia do falecimento de seu pai, retornando a Frankfurt. Nesta época, a Alemanha enfrentava um período de crise, pois Hitler já havia subido ao poder e iniciara a perseguição aos judeus.

⁷ “Uma grande motivação para Fromm continuar investindo em sua nova abordagem veio do parecer positivo de Harry Stack Sullivan. Em outubro de 1936, Fromm recebeu um convite de Sullivan, que era presidente da Fundação Psicanalítica William Alonso White, para lecionar e desenvolver seminários na Nova Escola de Psiquiatria em Washington. Fromm ficou muito entusiasmado com o convite, pois nesta Escola de Psiquiatria estudantes de diversas disciplinas como: medicina, antropologia, psicologia entre outras áreas afins estavam abordando o ser humano com o um organismo psicológico num a orientação social”. (Tollomeli, 2005, p. 31)

Nos anos de 1948 e 1949 Fromm é convidado a lecionar no Colégio Bennington no estado de Vermont, ministrando as aulas de psicanálise e religião na Universidade de Yale. Entraremos agora no período dos anos 50⁸, onde Fromm publica o livro *Psicanálise e Religião*, tentando distinguir suas críticas das ideias de Freud e Jung, como também é um período marcado pela morte de sua terceira esposa.

Após o período de luto, Fromm conhece Annis Freeman, casando-se com ela no final de 1953⁹. A partir de 1956, Fromm iniciou seus seminários na Universidade do México para estudantes de medicina e passou a interessar-se profundamente não apenas pelos problemas sociais do México, como também se envolveu com as questões sociais da América Latina. Através do Centro de Documentação (CIDOC), Fromm manteve contato com Paulo Freire. Cada vez mais com o olhar voltado para as questões internas e externas do ser humano, iniciando ao final dos anos 50, com o apoio financeiro americano, uma pesquisa sócio-psicológica¹⁰.

Em 1956 Fromm publica uma de suas obras mais importantes, *A arte de Amar*, traduzida em mais de cinquenta línguas diferentes. O autor ressalta que o amor é uma potencialidade no ser humano, e precisa ser despertada e aprimorada, como uma forma de arte que precisa constantemente ser praticada. A questão da religião também ganha ainda mais destaque neste período da vida do autor, onde este se depara com o Budismo através do contato com o monge Daisetz Suzuki a partir de 1956.

No início dos anos 60, Fromm não mais limitou seus contatos políticos e religiosos aos ativistas da esquerda, mas passou a fazer contato com todos aqueles que de algum a forma demonstravam algum a abertura para o diálogo e para a mudança. Desta forma, Fromm começou a entrar em contato com católicos, com o brasileiro Arcebispo Dom Helder Câmara, com o Monge Thomas Merton, o Jesuíta Karl Rahner e o Arcebispo de Viena, o Cardeal König.

⁸ “Em 1953, Fromm começou a desenvolver suas idéias sobre a alienação da sociedade orientada pela mercadologia, que culminou em 1955 na publicação do seu livro: *The Sane Society*, que em português é encontrado como: *Psicanálise da Sociedade Contemporânea*. Em 1951, ele publicou *The Forgotten Language*, traduzido para o português com o: *A Linguagem Esquecida*, que foi o resultado de suas reflexões e pesquisas sobre a estrutura do caráter e a linguagem simbólica do inconsciente”. (Tollomeli, 2005, p. 35).

⁹Funk, 2000

¹⁰ *Social Character in a Mexican Village*, em português com o: *Caráter Social de uma Aldeia*, que tentou mostrar com o caráter dos 800 camponeses de uma vila mexicana era formado e influenciado pela situação da classe.

Em 1963, ele desenvolveu planos para publicar uma revista que seria chamada de: Estudos Humanistas. Fromm tentou trazer humanistas de diferentes etnias e credos, mas tal trabalho nunca frutificou devido à falta de incentivos financeiros. Em setembro de 1963, os editores seriam os católicos Karl Rahner e Jean Damiélou; os protestantes Albert Schweitzer e Paul Tillich; os filósofos e cientistas seriam representados por Bertrand Russell e Robert Oppenheimer; o lado marxista por Adam Schaff e o próprio Fromm; no budismo, o ícone religioso Daisetz Suzuki.

Outra tentativa frustrada de Erich Fromm aconteceu em 1966 quando tentou convencer o Papa Paulo VI para com parecer em uma Conferência Internacional na qual personalidades de todo o mundo estariam presentes para dar sugestões de como capacitar a humanidade para sobreviver. Porém, o Papa não deu suporte a essa iniciativa e a mesma acabou não acontecendo.

Em 1976 Fromm publicou o livro: *Ter ou Ser?* Tal obra também teve milhões de cópias vendidas e foi traduzida em diversas línguas. Neste livro Fromm retoma os tipos de orientação de caráter previamente discutidos nas obras *Análise do Homem* e *Anatomia da Destrutividade Humana*, porém, diferencia a orientação de caráter produtivo da orientação de caráter não produtivo frente à sociedade orientada pelo consumo. É extremamente atual, pois analisa o contexto social em que as demandas do mercado são criadas artificialmente e manipuladas através daqueles que estão sempre em busca do que é oferecido de fora, e raramente em busca daquilo que pode ser conseguido internamente.

Já no final dos anos 70, o estado de saúde de Fromm era delicado, ele tinha sofrido em 1977 o segundo ataque cardíaco. Em 18 de março de 1980 Fromm é acometido do quarto infarto, falecendo com 80 anos de idade.

2- Principais teorias e conceito

Entraremos agora em um importante ponto a ser explorado neste texto, a relação teórica de alguns conceitos chaves para o pensamento de Erich Fromm. Inicialmente, podemos destacar que a linha teórica do autor representa a terceira grande força da psicologia, ou seja, a psicologia Humanista. Mas o que pode ser entendido como Humanismo?

A saber, a Psicologia Humanista recebe esta designação filosófica devido ao rompimento com a psicanálise ortodoxa e seu modelo médico de frieza e distanciamento frente ao paciente, bem como, um rompimento com a ideia de uma supremacia da libido e dos impulsos sexuais na constituição da personalidade. Aqui, a ênfase recai sobre o lado humano das relações¹¹, possuindo uma *práxis* clínica voltada para o amor enquanto cuidado, valorizando a reciprocidade e a amizade, transformando o setting terapêutico em um ambiente de credibilidade e responsabilidade mútua. Fromm acreditava que estas medidas devolviam ao indivíduo sua dignidade, compreendendo o ser humano enquanto dimensão intelectual, emocional, social, religiosa, histórica e cultural¹².

2.1 Medo a Liberdade

Ao nos aproximarmos de sua visão de ser humano, nos deparamos com uma questão central, i.e., o fato do ser humano se estabelecer enquanto um ser social representa de antemão, a tentativa de prover sentido perante angústia de separação com a natureza. O ser humano parte de um estado onde este se encontrava em plena comunhão com o mundo natural e com o outro, sendo arrancado deste vínculo quando tem a percepção de si mesmo enquanto ser.

O homem emerge do estágio pré-humano ao dar os primeiros passos para libertar-se dos instintos coercitivos [...] Quanto mais baixo está o animal na escala da evolução, tanto mais a sua adaptação à natureza e todas as suas atividades são controladas por mecanismos instintivos e atos reflexos. Por outro lado, quanto mais alto o animal se acha na escala da evolução, tanto maior é a flexibilidade dos padrões de suas ações e tanto menos completo é o seu ajustamento estrutural ao nascer. Esta evolução atinge o auge com o homem. Ele é o mais inerte de todos os animais ao nascer. Sua adaptação à natureza baseia-se essencialmente no processo da aprendizagem e não em determinação instintiva. (Fromm, 1974, p. 35)

Fromm entende que o homem estaria em um estágio superior, onde o fato de possuir consciência de si o implica na capacidade de escolha, de ser livre, podendo

¹¹ “Para Fromm, a partir do momento em que a psicologia volta-se à grande Tradição Ética Humanista, que encarava o ser humano em sua totalidade físico-espiritual, a contribuição estará sendo verdadeiramente profunda. A Tradição Filosófica Ética da Humanista entende que o objetivo do homem é ser ele mesmo e de que a condição para atingir tal situação é o homem bastar-se a si mesmo”. (Tollomeli, 2005, p. 60)

¹² “A tese principal da psicanálise humanista é a de que as paixões básicas do homem não estão arraigadas em suas necessidades instintivas, mas nas condições específicas da existência humana, na necessidade de encontrar nova relação com o homem e a natureza após haver perdido a relação primária da etapa pré-humana”. (Tollomeli, 2005, p.57)

assim optar por trilhar o próprio destino. Na obra, *O Medo à Liberdade* (1941), o autor analisa as diferentes formas de liberdade relacionadas ao livre arbítrio, colocando a existência de uma “liberdade de...”, e uma “liberdade para...”, chegando conseqüentemente na importância das questões sociais e psicológicas, demonstrando os mecanismos que nós utilizamos para fugir de nossa própria liberdade.

De acordo com o autor, a “liberdade de...” diz respeito a uma independência do ser humano enquanto consciência. O fato dos instintos não exercerem um controle total no ser humano, governando sua vida como faz com os outros animais, coloca o homem frente ao desespero de sua própria liberdade. Esta liberdade é vista como uma espécie de maldição, pois o ser humano nada pode fazer frente à condição de observar a natureza e não se sentir mais parte dela¹³. Fromm destaca o momento trágico da expulsão do paraíso¹⁴ onde o homem se vê fadado a ser livre para escolher seu próprio destino.

Entretanto, estar livre parcialmente dos instintos não o liberta completamente, pois, “[...] ele está livre do doce cativeiro do paraíso, mas não está livre para governar-se e para realizar sua individualidade” (idem, p. 37). É precisa uma gama de coragem frente à própria liberdade, e aquele que não consegue suportar a angústia desta liberdade se aliena, vinculando-se de forma infantil em uma identificação com o social e com o religioso. Com isto, o indivíduo nega viver sua liberdade, preferindo a cômoda segurança de uma identificação cega e alienada¹⁵ que pode mascarar sua solidão.

No segundo conceito de liberdade, ou seja, a “liberdade para...”, Fromm destaca o fato de que não basta o ser humano ser livre, é preciso suportar a angústia da solidão

¹³ “O estar longe da dependência instintiva é um grande passo à liberdade, mas ao mesmo tempo causa um sentimento de solidão e angústia. Uma criança nasce quando não mais está unida à mãe e torna-se uma entidade biológica separada da mesma. No entanto, a criança permanece funcionalmente unida à mãe, sendo este um processo normal do desenvolvimento humano até o início do seu processo de individualização”. (Tollomeli, 2005, p. 48)

¹⁴ “O mito de Adão e Eva identifica a origem da História humana com um ato de escolha, porém ressalta a essência pecaminosa deste primeiro ato de liberdade e sofrimento dele resultante. O mito relata que enquanto o homem e a mulher viveram em harmonia entre si e a natureza no Jardim do Éden, a paz dominava e não havia necessidade de trabalhar. Também não havia escolhas a fazer, nem liberdade e pensamento” (Tollomeli, 2005, p. 47). Fromm ressalta que a desobediência a Deus neste mito cristão, representa o primeiro sinal do nascimento da razão, sendo este um ato de liberdade.

¹⁵ “O autoritarismo aparece como um mecanismo de fuga à liberdade que renuncia à independência do próprio ego individual no intuito de fundi-lo com alguém ou algo no mundo exterior, pois assim a fantasia de sentir-se amparado prevalece. Este mecanismo de fuga apresenta-se através da submissão ou da dominação, impulsos também conhecidos como masoquismo e sadismo, ambos servindo como fuga de uma solidão insuportável”. [...] “Neste contexto, tanto os impulsos masoquistas quanto os sádicos tendem a auxiliar o indivíduo a fugir do seu intolerável sentimento de solidão e impotência através da submissão e do poder”. (Tollomeli, 2005, p. 51-52)

frente à condição da existência, e a única forma para que isto seja possível é através do amor e do trabalho produtivo, onde o ser humano pode se relacionar com a natureza de forma criativa sem que seja preciso abrir mão de sua individualidade. Este tipo de relação só pode ser alcançado a partir do momento que o indivíduo não se identifica mais com o social que controla sua vida, mas antes, quando este consegue através da solidariedade, do amor e do trabalho, se ligar a natureza como indivíduo independente, livre e dono de suas próprias escolhas.

Sendo assim, há duas maneiras de se relacionar com o mundo¹⁶: a primeira é uma forma neurótica, onde o indivíduo foge de sua condição de liberdade, abrindo mão de sua individualidade por conta do medo da solidão e das questões que se impõe pela existência; enquanto a outra visa um indivíduo sadio, com ego estruturado e forte o bastante para suportar a pergunta pela sua própria existência, e fazer perante isto, algo produtivo¹⁷.

2.2 *Análise do Homem*

A obra *Análise do Homem* (1947) envereda-se na investigação sobre o caráter e a natureza do ser humano. Uma das grandes preocupações de Fromm no curso desta obra é demonstrar as relações do homem com a sociedade. Vemos que o ser humano possui uma natureza essencial e inata, e que, a criação da sociedade é uma tentativa de tornar possível a realização de suas potencialidades. A resposta para o homem está na sociedade.

O autor destaca também o “caráter social”, uma representação da essência comum do coletivo, distinguindo os tipos de caráter a partir de suas formas de orientação: a primeira diz respeito a uma orientação Improdutiva, enquanto a segunda, uma orientação Produtiva. Dentro das Orientações Improdutivas o autor destaca quatro

¹⁶ “Ele pode progredir para a “liberdade positiva” relacionando-se produtivamente sem renunciar à sua independência e à integridade do seu ego, como anteriormente foi mencionado, ou pode recuar, desistir da sua liberdade e procurar vencer sua solidão através da fuga e da rendição de sua individualidade. Para Fromm, esta não é uma solução que leva à felicidade e à liberdade positiva; ela é, em princípio, uma solução que se encontra em todos os fenômenos neuróticos”. (Tollomeli, 2005, p.51)

¹⁷ Parafraseando Carl Gustav Jung – eu sou uma questão colocada ao mundo, e desse modo, devo fornecer-lhe minha resposta; do contrário, estarei sujeito à resposta que o mundo me der.

tipos: a orientação receptiva, a orientação exploradora, a orientação acumulativa e a orientação mercantil.

Na orientação Receptiva, temos uma pessoa que acredita que o que ela precisa está fora de si, idealizando que o único modo de ser feliz é receber o que precisa dos fatores externos. Com isto, a pessoa torna-se submissa e dependente, designando a alguém a tarefa de cuidar dela, e, para tanto, fará de tudo para identificar-se com aquele que dele cuida. “Se religiosas, tais pessoas têm um a concepção de Deus em que esperam tudo dele e nada de sua própria atividade”(Tollomeli, 2005, p. 67). Da mesma forma que a receptiva é orientada ao exterior, o tipo de caráter Explorador também se enquadra nesta característica, entretanto, vemos nesta última o oposto. Estes indivíduos mostram-se agressivos e, ao invés de esperarem a resposta dos outros, como faz a orientação receptiva, procuram explorar e retirar dos outros, tomar dos outros, utilizando do poder que for para obter o que deseje.

Na orientação Acumulativa nos deparamos com pessoas que pensam que o mundo é um lugar ameaçador, por isso, são desconfiados e rígidos. A pessoa acumulativa tende a poupar, tornando-se econômica ou avarenta. A quarta orientação, a Mercantil, está intimamente relacionada ao surgimento do capitalismo. O indivíduo designado por este caráter desempenha os papéis que são aprovados socialmente, focando-se na tarefa de se vender, ao invés de procurar realizar seu potencial pessoal. “A pessoa orientada por este tipo de caráter passa a ser o que o “social” deseja momentaneamente que ela seja.” (Tollomeli, 2005, p. 67).

De acordo com Fromm, a pessoa realmente saudável não apresentaria nenhuma destas quatro orientações anteriores. Para ele, a orientação saudável consiste na Orientação Produtiva, na qual o indivíduo procura realizar seu pleno potencial sem procurar explorar ou depender dos outros.

3 – A Psicologia da Religião em Erich Fromm

Erich Fromm publicou seu primeiro livro, *O dogma de Cristo*, em 1930, em alemão, sendo publicado em língua inglesa em 1963. Nesta obra Fromm discute sobre a transformação da história do rebelde crucificado, o filho do homem, no dogma do Filho de Deus como uma reflexão do desenvolvimento do Cristianismo, que passa de uma

perseguição e supressão dos seus membros que eram minoria à passagem ao estado de religião.

Ainda neste livro, Fromm formula o estudo detalhado de seu método sócio-psicológico e compara a dependência religiosa e a “subserviência cega a Deus” à situação psíquica da infância, quando a criança dependente projeta e transfere todos os seus desejos e necessidades para as figuras paternas e maternas esperando receber seu provento do exterior, pois ainda é dependente. Seguindo os pensamentos freudianos, nesta época, Fromm somente via a religião como uma poderosa força social supressora das potencialidades internas. É uma análise da situação sócio-econômica dos grupos sociais que aceitaram e difundiram os ensinamentos cristãos.

Podemos encontrar na obra *Psicanálise e Religião* de 1950, uma visão mais tardia e amadurecida de Fromm frente à religião. Neste livro ele distingue suas próprias críticas das de Freud e Jung. Fromm desenvolveu uma aguçada crítica contra as instituições religiosas. Para ele muitas religiões ao invés de promoverem a reflexão e a liberdade do ser humano fazem exatamente o contrário quando põem em prática suas idéias ortodoxas. Através dos dogmas e ritos, alienam e dominam. Neste aspecto Fromm compara tais religiões, as quais por ele foram denominadas como religiões autoritárias. Porém, para ele, as relações só apresentam verdadeiramente este traço humanitário quando estão baseadas no amor.

Fromm sempre foi um estudioso das religiões, o que o aproximou do zen-budismo, através de Daisetz Suzuki. Segundo Fromm, tanto o zen-budismo como a psicanálise oferecem caminhos de experiência consigo mesmo através da percepção da realidade externa e interna, na qual os limites do ego são derrotados e o ser humano pode, então, estar unido com o inconsciente, ilimitado por tempo ou espaço. Fromm alerta que isso ocorre saudavelmente quando não há a desintegração psicótica do ego.

Após este contato com o zen-budismo ele iniciou uma pesquisa mais profunda referente às tradições místicas de várias religiões. E em todas as tradições místicas pesquisadas, como a cabala, o sufismo, o zen-budismo e o budismo mahathera, Fromm encontrou o que ele denominou como a experiência com o “único”.

Dentre todas estas obras relevantes ao estudo da religião, cabe aqui a seguinte pergunta: o que Erich Fromm entende por religião? De acordo com o autor religião é "Qualquer sistema de pensamento e ação seguido por um grupo e capaz de conferir ao

indivíduo uma linha de orientação e um objeto de devoção." (Fromm, 1962, p. 30). Destaca-se aqui um reconhece quanto a importância da religião para a humanidade, mas ao mesmo tempo a abstrai de Deus. Fromm entende a religião como um processo natural e positivo inerente a vida do homem, sublinhando três capacidades: de maravilhar-se ante a própria existência; a preocupação com o fim último e a realização; e a identificação consigo mesmo, com seus semelhantes e com o universo.

As Religiões apresentam também caráter democrático e autocrático. Uma religião que insiste na dependência do homem em relação a Deus tira a verdadeira liberdade. Do alto de sua visão humanista e laica, ele vê o fenômeno religioso como algo de que o ser humano não pode prescindir, um elemento natural de sua existência. Ele admite, porém, que nem todas as religiões provocam o bem-estar do Homem, pois algumas, as que ele classifica como autoritárias, desfavorecem a evolução e o crescimento da Humanidade. Estas religiões demandam do fiel uma fé cega, uma devoção incondicional à instituição religiosa; elas consideram qualquer questionamento um grave delito.

Já a religião humanista estimula o aprimoramento das instâncias racionais e fundamenta seus alicerces no ser humano e em seu potencial, conduzindo-o na seara do conhecimento de si mesmo, do outro e de seu lugar na esfera da criação. A religião saudável, para Fromm, é aquela que ajuda a fortalecer o Homem em sua busca da realização pessoal. Enquanto no âmbito da instituição autoritária prevalecem o medo, a culpa e o sofrimento. Na esfera da humanista, porém, preponderam a felicidade, a fé no porvir e a realização.

Enquanto que na religião humanista Deus constitui a imagem do Eu superior do homem, na religião autoritária Deus aparece com o monopolizador do que pertencia originariamente ao homem: a sua razão. Neste sentido, quanto mais perfeito se torna Deus, mais imperfeito parece o homem. Este projeta o melhor da sua natureza na figura de Deus, e fica empobrecido. A divindade passa a ter todo o amor, toda a sabedoria e justiça, e o homem perde essas qualidades, ficando vazio e pobre. Nesse processo de separação das suas potencialidades, ele se aliena de si mesmo. Nesta espécie de crença o homem passa a ficar tão distante de si, que a única via de acesso a ele mesmo passa a ser através da divindade. Quando adora tal divindade, o homem procura entrar em contato com um a parte de si mesmo, a parte perdida pelo mecanismo de projeção. Para ter de volta um "pedaço" de si é necessário reconhecer que somente pela graça de Deus poderá reconquistar um pouco das suas qualidades. (Tollomeli, 2005, p. 76)

Erich Fromm amplia a definição de fé, transcendendo a usual conotação de

crença religiosa, embora também englobe este sentido da expressão. Ele distingue entre “fé racional” e “fé irracional”. A primeira é fértil, produz bons frutos, é equilibrada e impulsiona o ser a encontrar o melhor caminho para si mesmo. A fé irracional é agressiva e desvairada, mas não somente em relação à autoridade religiosa, e sim de uma forma mais ampla, referente a todo e qualquer poder estabelecido. O Homem, porém, não prescinde da fé; o que realmente importa é escolher que modalidade desta força o moverá, a racional ou a irracional, com a certeza de que fé e poder não convivem por muito tempo sem que esta seja negativamente afetada.

Muitas facções que não compartilham a experiência religiosa da Igreja institucional e alguns movimentos místicos da própria religião optaram pela prática do verdadeiro amor ao próximo, perceberam que o Homem tem em si o dom natural de amar e destacaram as semelhanças entre o *criador* e sua *criatura*; estas correntes não hesitaram em exercitar a fé racional, aquela na qual Erich realmente acredita, a genuína religião humanista.

A resposta para o posicionamento do autor para a religião pode ser encontrada também em sua obra: *A arte de Amar*, publicada em 1956. Se o exercício da religião advém da necessidade do amor, Fromm nos coloca que amor é uma arte, e enquanto tal necessita ser praticada para ser aprimorada. O autor ressalta que estar apto para amar não é uma questão de ser amado ou estar amando, mas ter a capacidade de conectar-se ao amor interno e externo as realidades. O amor é um poder que encontra-se dentro do ser humano e torna-se potente na medida em que é praticado.

Segundo Fromm, a base da necessidade de amar reside na experiência da separação e na necessidade resultante de superar a ansiedade da separação pela experiência de união. Neste contexto a forma religiosa de amor, que se chama Deus, não é diferente. Em todas as religiões teístas, sejam politeístas ou monoteístas, Deus representa o mais alto valor e o bem mais desejável. Para o autor a compreensão do conceito de Deus depende do grau de maturidade alcançado pelo indivíduo e, daí, como o mesmo percebe o conceito de Deus e como é vivenciado o seu amor em relação a Deus.

O amor de Deus não é o conhecimento de Deus em pensamento, nem o pensamento do amor de alguém a Deus, mas o ato de experimentar a unidade com Deus. O pensamento só nos pode levar ao conhecimento de não nos poder dar a última resposta. O único meio pelo qual o mundo pode ser

aprendido de forma final não está no pensamento, mas no ato, na experiência da unidade. (Fromm, 1990, p. 95)

Referências bibliográficas

FROMM, Erich. *Psicanálise e Religião*. Rio de Janeiro: Ibero-Americano, 1962

_____. *A análise do homem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1974

_____. *O medo à liberdade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1974

_____. *O Dogma de Cristo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978

_____. *A arte de Amar*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1990

FUNK, Rainer. *Erich Fromm: His Life and Ideas*. New York: Continuum, 2000.

TOLOMELLI, Fabiana. *A religião na obra e na vida de Erich Fromm*. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião), Universidade Federal de Juiz de Fora.